

# Do acontecimento histórico ao acontecimento discursivo: uma análise da “Marcha das vadias”

*Amanda Pontes Rassi*

Universidade Federal de São Carlos

São Carlos – São Paulo – Brasil

amandarassi85@hotmail.com

---

**Resumo:** O presente trabalho discute a relação entre as noções de acontecimento histórico, acontecimento discursivo e acontecimento lingüístico no processo de constituição de sentidos da identidade feminina, a partir de práticas dos movimentos feministas e protestos contra a violência sexual sofrida por mulheres. Tomando como base um acontecimento histórico – a declaração feita por um policial e veiculada fortemente pela mídia, de que as mulheres são estupradas porque se vestem como vadias –, pretende-se delinear o percurso sócio-histórico que levou ao acontecimento discursivo chamado Marcha das Vadias. Assim como um acontecimento histórico pode gerar um acontecimento discursivo, este, por sua vez, também pode ser determinante para a ocorrência de um acontecimento lingüístico. As três noções de acontecimento se pautam na Teoria da Análise do Discurso de orientação francesa e são exploradas neste artigo, levando-se em conta sua relação com a atualização dos discursos, os efeitos de sentido pretendidos e produzidos pelos discursos, a produção e circulação dos discursos e a constituição da identidade feminina nesse panorama.

**Palavras-chave:** Análise do Discurso, Acontecimento, Marcha das vadias.

---

## CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

Este artigo investiga a constituição dos discursos veiculados pela mídia acerca de um fato ocorrido no Canadá, na Universidade de Toronto, quando várias mulheres foram estupradas e a mídia noticiou a seguinte declaração de um policial “As mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas”. A declaração do policial ganhou as mídias do país e do mundo, produzindo diferentes efeitos de sentidos, até chegar a ser considerado um *acontecimento*.

Antes da análise sobre o acontecimento em si, é necessário tecer algumas considerações acerca das noções de acontecimento histórico, acontecimento discursivo e acontecimento linguístico, porque são conceitos híbridos e heterogêneos na teoria da Análise do Discurso.

Para Pêcheux, um acontecimento “é um ponto de encontro entre uma atualidade e uma memória” (PÊCHEUX, 1990, p.17), ou seja, pode ser analisado como uma correlação entre o fato e a forma como o fato foi percebido e circulado, como ele se atualiza e se mantém sempre presente na memória coletiva. Le Goff (1998) considera que houve uma ruptura brusca na forma de pensar o homem e sua história; é a diferença entre a História Nova e a História tradicional, pois a primeira se interessa por todos os homens, homens comuns, homens quaisquer, e todos eles são atores de sua própria história, porque todos eles buscam avidamente sua identidade individual dentro da coletividade. Vivemos em um mundo em que o homem busca

escapar da angústia de tornar-se órfão do passado, sem raízes, onde os homens buscam apaixonadamente sua identidade, onde se procura por toda parte inventariar e preservar os patrimônios, constituir bancos de dados, tanto para o passado como para o presente, onde o homem apavorado procura dominar uma história que lhe parece escapar [...] (LE GOFF, 1998, p.51).

Nesse sentido, o acontecimento histórico “consiste em um fato que, por sua relevância enquanto ocorrência no mundo, passa a ser rememorado na história, fazendo parte do dizer sobre o passado de um povo, narrado pela ciência histórica” (LE GOFF, 1996 *apud* DELA-SILVA, 2008). Em outras palavras, o fato deve ser suficientemente significativo para ser lembrado ou ser registrado em livros, fazendo parte da história de um povo, de uma sociedade, uma comunidade, como reflexo da cultura.

Todos os fatos, todos os eventos, todos os acontecimentos, nesse sentido, deveriam ser considerados acontecimentos históricos, afinal todos eles acontecem num determinado tempo, num determinado espaço e refletem a cultura de um povo. O fato é que nem todo acontecimento pode ser considerado histórico, pois aquilo que se torna de fato *acontecimento histórico* é sempre resultado de uma seleção feita pelo historiador. Em outras palavras, considera-se que nenhum acontecimento é histórico por natureza; faz-se necessário o discurso para reconstruí-lo

como tal e estabelecer o seu sentido, que só ganha existência no interior de uma série.

Lacouture (1998) considera os meios de comunicação de massa como o veículo e o lugar privilegiado da “história imediata”, pois eles têm um papel fundamental em selecionar o que vai ser considerado histórico e o que vai se perder na história natural. O jornalista ansioso pelo acontecimento é considerado como um concorrente

à operação histórica, na medida em que, testemunha, ator, mediador, motor e observador, ele introduz em sua pesquisa uma vontade racional de situar, de ordenar essas sequencias e relacioná-las a um sentido pelo menos problemático (LACOUTURE, 1998).

Pela ótica da Análise do Discurso, “o acontecimento histórico [...] pode ser discursivizado de diferentes formas e produzir efeitos de sentido diversos” (DELA-SILVA, 2008), pois o historiador filtra ocorrências ou fatos que ele julga serem historicamente importantes. Assim, seleciona o que convém e omite o que julga não ser relevante historicamente.

Discutindo o trabalho do historiador diante dos fatos, Veyne (1998) demonstra que o curso dos acontecimentos não segue um caminho traçado, e o historiador escolhe uma rota que não pode levar a todos os lugares, pois descrever uma totalidade é tarefa impossível. A descrição é seletiva, fazendo com que um fato se constitua num “cruzamento de itinerários possíveis” (VEYNE, 1998, p.45) e não numa unidade natural.

No mesmo sentido, Sousa e Inácio propõem uma discussão que tome “o discurso como sendo da ordem do acontecimento, portanto histórico, e o sentido como resultado de relações móveis, oscilantes e paradoxais a que os enunciados estão fadados em sua irrupção de acontecimentos” (SOUSA e INACIO, s/d).

A Análise do Discurso compreende o acontecimento histórico como o recorte de um fato ou sequência de fatos ocorridos em um tempo e em um espaço. Le Goff explica a distinção entre a história vivida pelas sociedades humanas, que é narrada a partir de documentos e depoimentos, e a ciência histórica construída pelo historiador, “que, segundo Le Goff, é feita por meio do reconhecimento de regularidades em diversas sociedades, [e onde] os acontecimentos que se tornam parte da história são selecionados pelo historiador” (DELA-SILVA, 2008).

Na mesma linha de raciocínio, considera-se o *acontecimento discursivo*. Para que um acontecimento discursivo surja como tal, é preciso que alguém o crie. Para explicar esse conceito, Pêcheux (1990) analisa o enunciado “On a gagné”, que foi cantado nas ruas de Paris, por ocasião da vitória do candidato François Mitterrand. Foi um enunciado produzido por um autor e que começou a circular com um sentido diferente daquele em que ele existiria prototipicamente, ligado à prática esportiva.

O deslocamento do significado da expressão “On a gagné”, do discurso esportivo para o discurso político, marcou o acontecimento discursivo que ocorreu naquele momento. “Isso porque, a noção de acontecimento discursivo dá conta do momento da constituição do sujeito, sem priorizar os aspectos enunciativos aí envolvidos” (GALLO, 2001).

Assim como nos acontecimentos históricos, o acontecimento discursivo é o resultado de uma opção do autor, que encadeia uma série de formações discursivas preexistentes, levando à criação de um novo acontecimento; e foi o que ocorreu com o significado da palavra “vadia”, pronunciada pelo policial para se referir às mulheres que haviam sido violentadas. O conceito de “vadia” foi se modificando a partir da atualização dos discursos que se referiam, a cada vez, ao acontecimento histórico, e isso fez com que a Marcha das vadias pudesse ser considerada hoje um acontecimento discursivo.

O acontecimento discursivo não coincide com a notícia jornalística nem com os registros de um fato na história, pois se trata de um gesto de leitura, é uma das formas de se ver o mesmo dado/fato. Segundo Sousa e Inácio, “o acontecimento discursivo não se confunde com a notícia, com o fato ou com o acontecimento construído pelo historiador, pois ele é apreendido na trama de enunciados que se entrecruzam em um dado momento”.

O acontecimento discursivo pressupõe, assim, a relação entre dizeres que, ao se cruzarem, tendem a promover rupturas, ainda que um novo dizer, por princípio, seja formulado a partir das possibilidades que esse dizer encerra. [...] busca-se compreender os acontecimentos discursivos que possibilitam o surgimento de novos espaços de significação para o sujeito (DELA-SILVA, 2008).

Por fim, mas não menos importante, deve-se considerar o conceito de *acontecimento linguístico*, que consiste numa mudança linguística,

como resultado de uma atualização dos discursos sobre uma prática linguística. Orlandi (2002), para conceituar *acontecimento linguístico*, faz uma reflexão sobre o processo de gramatização do português do Brasil, mostrando a relação entre as práticas linguístico-discursivas e o lugar enunciativo do sujeito. Segundo a linguista, “toda interpretação de um lugar enunciativo necessita levar em conta a consciência linguística da época considerada e a forma como a questão da enunciação é apresentada nesse período” (ORLANDI, 2002, p.32).

Guilhaumou (1997) refere-se aos espaços intersubjetivos da constituição do sujeito, que seriam os lugares em que os sujeitos se constituem como tais a partir dos discursos que produzem e fazem circular. Esses espaços “são propícios à inovação linguística, valorizando, no plano teórico, a consciência linguística dos sujeitos falantes em relação à própria língua, bem como o funcionamento dos instrumentos linguísticos em momentos históricos marcados pela mudança” (GUILHAUMO, 1997).

Um acontecimento, seja ele histórico, discursivo ou linguístico, é um acontecimento na medida em que produz sentidos e, ao mesmo tempo, provoca rupturas em sentidos já estabilizados. A mudança no conceito da palavra “vadia”, atestada pelo evento Marcha das vadias pode prenunciar um acontecimento também linguístico, já que é interpretado “pelos sujeitos envolvidos na enunciação, e pela sua reflexividade metalinguística, através da qual a língua se constitui em objeto de uma enunciação política” (ZOPPI FONTANA, 2009, p.2).

O acontecimento da Marcha das Vadias será tomado como o nó de uma rede discursiva que se liga a um acontecimento construído anteriormente – a saber, a série de crimes ocorridos na Universidade de Toronto e a declaração dada pelo policial – e a acontecimentos posteriores que são precipitados discursivamente por esse mesmo nó – a saber, todos os protestos e manifestações que anunciam uma mudança no conceito de ‘ser mulher’.

## O ACONTECIMENTO HISTÓRICO

Em janeiro de 2011, ocorreram vários casos de estupro na Universidade de Toronto, para os quais o policial Michael Sanguinetti deu uma infeliz declaração: “as mulheres deveriam evitar se vestir como vadias para não serem vítimas”. O policial justificou a atitude dos estupradores

como uma consequência natural às provocações das mulheres, pois, segundo ele, a culpa não era do estupro, e sim das mulheres que se vestiam como vadias. A forma como as mídias noticiaram a declaração resgata “a ideia de que o sentido dos fatos depende da rede discursiva em que estão inseridos” (SOUSA e INACIO, s/d.).

O termo “vadia” ou “vagabunda” – traduzida do inglês *slut* –, usado de forma pejorativa, ganhou repercussão mundial em vários dos principais jornais e em redes sociais, e, em decorrência disso, movimentos feministas decidiram organizar protestos em vários países, revidando contra opiniões machistas e preconceituosas, como a do policial, que não é uma opinião isolada, mas reflete grande parte do pensamento das sociedades patriarcais no mundo inteiro.

A primeira manifestação ocorreu em 3 de abril de 2011, em Toronto (Canadá), e vem ganhando destaque em outros países. O movimento ganhou força e um nome: MARCHA DAS VADIAS. Só no Brasil, a Marcha das vadias – ou *slutwalk*, em inglês – já percorreu Brasília, Salvador, Fortaleza, Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba, Belo Horizonte, Recife, Vitória e outras cidades. Em cada cidade, grupos de mulheres organizam a manifestação e vão às ruas “vestidas como vadias”, de salto alto, roupas provocantes, fantasias sexuais, lingerie etc., para protestar contra a crença de que mulheres que são vítimas de estupro sejam responsáveis pelo crime.

Segundo Sírio Possenti (2009), um acontecimento é considerado como tal na medida em que enseje sua retomada ou repetição. A cada vez que uma manifestação como a Marcha das vadias ou qualquer outra ocorre, ela não apenas reformula ou instancia nova enunciação do mesmo, mas mais do que isso, os discursos se atualizam e a cada manifesto, pode-se considerar um novo acontecimento histórico e discursivo; é por isso que o estruturalismo, o feminismo, o nacionalismo etc. são sempre novos acontecimentos. “Seria mais claramente possível dar conta assim das discursividades e, especialmente, ter claro em que medida certos dispositivos e práticas são regidos pela mesma semântica” (POSSENTI, 2009, p. 125).

A primeira Marcha das Vadias no Brasil ocorreu em São Paulo, em 4 de junho de 2011, mas contou com um público restrito de manifestantes – cerca de 300 pessoas, apesar do grande número de apoio à manifestação pelas redes sociais. Os movimentos se iniciaram com

feministas que buscam a igualdade de gênero, e esses movimentos devem ser considerados como acontecimentos históricos.

[...] é certo que algum manifesto ou congresso pode ser um grande acontecimento discursivo, em torno do qual se organiza um arquivo (tudo o que se passa a dizer – ou se pode recuperar de datas anteriores – em revistas, jornais, simpósios, livros, entrevistas etc.) Mas há mais: por debaixo deles, ou ao seu lado, surge por exemplo, um discurso do corpo, da beleza da sexualidade, do controle de natalidade, da saúde; e, ainda, da fidelidade, do divórcio, das alternativas sexuais; e, ainda, o das creches, do trabalho feminino, do assédio sexual. Não esqueçamos de todos os textos novos de humor que todos esses acontecimentos permitem, por sua vez (POSSENTI, 2009, p. 125-6).

O discurso da mídia produz o acontecimento e impõe os fatos ocorridos como história, mas o acontecimento “não fala mais do que dele se fala ou do que se o diz” (DELEUZE, 2003, p.187). Então tudo o que temos são possibilidades de interpretação que usamos para compreender os fatos e a “história das práticas em que os homens enxergaram verdades e das suas lutas em torno dessas verdades” (VEYNE, 1998, p.280).

A Marcha das vadias não representa apenas um acontecimento histórico, mas principalmente um acontecimento discursivo: o nome “vadias” foi posto em cheque para conquistar um novo significado, transformando-se assim numa palavra de ordem do movimento feminista. Se até um ano atrás, o termo possuía um único significado – de valoração pejorativa, inclusive – hoje ele se transformou em um nome com poder, com poderes subjacentes, pois visa a transformar a visão de uma sociedade sobre a concepção: o que é ser vadia, e o que é ser mulher.

## O ACONTECIMENTO DISCURSIVO

Para demonstrar que a Marcha das vadias se constitui historicamente como um acontecimento discursivo – além de acontecimento histórico, como foi provado na seção anterior – lançaremos mão de enunciados produzidos e circulados durante essas manifestações, para buscar na materialidade linguística e o lugar de deslocamento dos sentidos.

Não nos importa aqui explicitar como nem onde, nem ao menos por quem, os discursos foram produzidos, mas prioritariamente como eles passaram a circular na sociedade e quais efeitos de sentido eles

produzem a cada vez que são instanciados. Levando-se em conta que o enunciado pode ser considerado como um acontecimento, Foucault (1995) esclarece que:

está ligado, de um lado, a um gesto de escrita ou à articulação de uma palavra, mas, por outro lado, abre para si mesmo uma existência remanescente no campo de uma memória, [...] é único como todo acontecimento, mas está aberto à repetição, à transformação, à reativação; [...] está ligado não apenas a situações que o provocam, e a consequências por ele ocasionadas, mas, ao mesmo tempo, e segundo uma modalidade inteiramente diferente, a enunciados que o precedem e o seguem. (FOUCAULT, 1995, p.32).

O enunciado pode ser depreendido de uma materialidade linguística, na superfície de um texto, pela análise de uma palavra, texto ou expressão, com uma função enunciativa; e essa materialidade pode ser repetível, ao mesmo tempo em que

aparece com um status, entra em redes, se coloca em campos de utilização, se oferece a transferências e a modificações possíveis, se integra em operações e em estratégias onde sua identidade se mantém ou se apaga. Assim, o enunciado circula, serve, se esquia, permite ou impede a realização de um desejo, é dócil ou rebelde a interesses, entra na ordem das contestações e das lutas, torna-se tema de apropriação ou de rivalidade (FOUCAULT, 1995, p. 121).

Como foi dito na seção anterior, os movimentos da Marcha das vadias começaram como um protesto contra uma declaração machista de que as mulheres que são vítimas de estupro são, de alguma forma, causadoras dessa violência, já que usam roupas provocantes, decotes exagerados, e se comportam como “vadias” ou “prostitutas”. A primeira ideia que se contrapõe a esse discurso é uma negação de que as vítimas sejam vistas como causadoras do mal que sofreram e evitar que sejam responsabilizadas pelo crime.

A partir dos ditos a seguir, infere-se um enunciado que resume a ideia: “O único responsável por um estupro é o próprio estuprador”. Os cartazes expostos<sup>1</sup> a seguir nos fazem crer que a roupa que a mulher usa

1. As imagens apresentadas ao longo do artigo, que serviram de base para análise dos enunciados linguísticos, foram retiradas da categoria de imagens do site [www.google.com.br](http://www.google.com.br) e todas elas são fotografias feitas durante as manifestações das Marchas das vadias em várias cidades do Brasil e cartazes ou propagandas de divulgação da Mar-



ou seu comportamento não podem ser determinantes para que ela seja respeitada ou não. Da mesma forma, a roupa “que ela não usa” também não pode ser a justificativa ou motivação para um crime como o estupro.



Ao considerarmos o discurso sob o signo da heterogeneidade, proposto por Michel Pêcheux, estamos impondo o primado do outro sobre o mesmo e reorientando nossa análise, segundo Maldidier (2003), para a singularidade do acontecimento discursivo, o que produz uma reviravolta nos próprios objetos da análise do discurso.

Uma das principais causas das lutas feministas hoje é a igualdade de direitos, direitos econômicos, políticos, trabalhistas, etc., e uma das reivindicações buscadas na Marcha das vadias é em relação à igualdade de direitos de comportamentos. As mulheres negam as concepções e os pré-construídos associados a sua imagem para defender que elas não querem ser o que esperam delas, não são santas e isso não as torna putas; recusam os rótulos de submissas e de devotas, admitindo apenas uma etiqueta: “ser livre”.

O slogan “Lugar de mulher é onde ela quiser” retoma uma série de memórias discursivas que remetem a outros enunciados e os atualizam, tais como “Lugar de mulher é na cozinha”, “Lugar de mulher é na beira do fogão”, “Lugar de mulher é no tanque”, dentre outros pré-construídos

---

cha. Não foram colocadas informações de fonte ou autoria de cada uma delas porque nem todas elas dispõem dessas informações, porém todas podem ser acessadas pelo Google.

que se estabilizaram por um longo período de tempo e vêm agora ser refutados pelo enunciado “Lugar de mulher é onde ela quiser”.



Os movimentos feministas e a criação de revistas voltadas para o público feminino fizeram surgir novas linguagens e conceitos em relação ao corpo e à sexualidade das mulheres, e fizeram avançar as discussões sobre assuntos considerados tabus, tais como o sexo e o orgasmo da mulher (MORAES e SARTI, 1980).



As ideias de que a mulher seja um objeto sexual para proporcionar prazer ao homem, e de que o sexo serve para a procriação caem por terra quando as mulheres exigem os mesmos direitos dos homens: ter prazer, sentir orgasmo e aproveitar o sexo como forma de felicidade. Esses temas, considerados tabus até hoje pela igreja e outras formações discursivas mais conservadoras, são hoje alvo de disputa, de luta, de reivindicação por igualdade de direitos.

Outra série discursiva presente nos cartazes das Marchas das vadias questiona os papéis antropológicos de homens e mulheres na sociedade, relativos a comportamentos, atitudes e à fragilidade do gênero feminino. Os enunciados expostos nos cartazes a seguir questionam o porquê de mulheres serem estupradas enquanto homens não são, considerando como fator determinante não a vestimenta, mas o simples fato de a mulher ser o “sexo frágil”; mulheres são estupradas simplesmente por serem mulheres, e dessa forma, serem um alvo mais fácil para os criminosos.



A primeira e a segunda fotografias mostram cartazes que propõem um jogo, e devem ser analisadas como uma combinação de formações discursivas que se sobrepõem, que se implicam.

O primeiro indaga sobre o significado de um signo não verbal – um homem sem camisa – e dá três opções de significado para o signo: a) significa que ele está com calor; b) significa que ele vai jogar bola; c) significa que ele quer ser estuprado. O cartaz, com a marcação do “x” na terceira opção, usa de ironia, a qual é reforçada pelo elemento de reiteração e certeza “claro!”, para novamente questionar a posição do homem e da mulher na sociedade. O jogo da linguagem sugere que, se invertermos os papéis e pensarmos no significado de uma mulher sem camisa, a primeira ideia que seria instaurada pelo discurso machista é de que a mulher queira ser estuprada. De forma irônica, o cartaz joga com as duas posições contendo um mesmo sentido – de querer ser estuprado – sentido este que antropológicamente não pode ser associado à posição-sujeito do homem, por isso causa estranhamento.

A segunda fotografia apoia a crítica feita na primeira, dizendo que as mulheres são vítimas de estupro simplesmente por serem mulheres – e

não por darem qualquer motivo a isso. Dessa forma, as mulheres voltam a se assumir como vítimas dos crimes de abuso sexual e negam o discurso veiculado anteriormente de que elas sejam causadoras da violência, devido às roupas que usam ou o comportamento que pregam.

A campanha publicitária exposta na terceira fotografia, que convida a participar da Marcha das Vadias no dia 9 de junho, traz o enunciado “Me estuprar é fácil. Quero ver estuprar meu namorado!” e traz à tona a diferença de gêneros como determinante dos crimes de abuso sexual. O discurso feminista que liga o abuso sexual à violência, e o desvincula da temática *sexo* é reiterado pelos enunciados de que a mulher é vítima de abuso, simplesmente por ser mulher, e não pelo que veste ou pela forma como se comporta. Prova disso é que não se questiona o comportamento dos homens nem suas vestimentas. Esse discurso é suficientemente estabilizado e não existem hoje condições de emergência para que seja desconstruído.

O manifesto, além de trazer à tona antigas causas feministas por igualdade de direitos, também faz referência a acontecimentos históricos específicos, como o caso do professor de Ciências Políticas da Universidade Federal do Pernambuco (UFPE), Jorge Zaverucha, que foi acusado e condenado por abusar sexualmente de uma aluna e funcionária da instituição. A memória discursiva do acontecimento histórico é retomada pelos enunciados “Zaverucha, não me estupre!” e “Assédio não: pelo afastamento do professor Zaverucha”



Marcha das Vadias Recife 2012. Foto de Luna Markman/G1

Também estão presentes os discursos sobre o corpo, que se coloca como um lugar de poder. Os enunciados “Se não se importa, esse corpo é meu!”, “Meu corpo, minhas regras” e “Meu corpo, minha revolução”, “Sou minha”, “É o meu corpo e faço o que eu quiser com ele” aparecem muitas vezes combinados com o próprio corpo como meio de divulgação, de propagação do discurso. Existe inclusive uma imagem, que convida para a Marcha das Vadias de João Pessoa, em que o corpo é personificado como um rosto e possui boca, para indicar que o corpo fala, o corpo tem voz.



A ideia de que o corpo fala reaparece em várias outras fotografias, e em todas elas há um discurso de negação a um pré-construído de que a mulher é propriedade do homem, de que o corpo da mulher pertence ao seu marido, e que ela lhe deve subserviência. As mulheres se apropriam de seus corpos, enquanto propriedades de si mesmas e é dessa posição que se dirigem aos homens para dizer que eles não têm direitos sobre seus corpos. O corpo aqui é assumido como um lugar de luta, de poder e de conquista.

O corpo pode ser compreendido do ponto de vista político, social, econômico e organicista. As imagens apresentam um enfoque ao mesmo tempo organicista, porque revelam o corpo físico, material, com todos os seus membros, pele, carne, e também político e social, pois são um lugar de luta, de conquista, de história. O corpo traz marcas da alma, da história e da relação com o outro.

A outra raça não é aquela que veio de outro lugar, não é aquela que, por uns tempos, triunfou e dominou, mas aquela que, permanente e continuamente, se infiltra no corpo social, ou melhor, se recria permanentemente no tecido social e a partir dele (FOUCAULT, 2005, p.72).

Assim como Foucault fala de raças, podemos nos referir também aos gêneros, que se constituem e se reinterpretam não por sua materialidade ou pelas diferenças físicas, mas por todo o discurso que circula sobre o corpo e que o torna igual ou diferente.

Conforme Foucault (1995, p. 112) havia postulado, “um enunciado tem sempre margens povoadas de outros enunciados”. E isso pode ser percebido analisando-se discursivamente o enunciado “As ricas abortam, as pobres morrem”, em que o discurso feminista sobre o aborto é entrecortado por outros discursos, como por exemplo o da desigualdade social, da luta de classes, o discurso econômico, o religioso.

As duas primeiras imagens evocam um discurso que é próprio da formação discursiva a que as feministas aderem, relativo ao direito sobre o próprio corpo em aceitar ou não uma gravidez; retoma-se o discurso sobre o aborto para garantir que todas as mulheres, independente de classe social, religião ou motivação, tenham direito e autonomia para abortarem.



Da mesma forma o discurso religioso também é retomado na terceira imagem, que nega um já dito. Pelo discurso religioso, presente na Bíblia, Deus teria criado primeiro o homem e, em seguida, retirou-lhe uma costela para criar a mulher. Nesse sentido, o homem é tomado como um ser superior à mulher e, somente por causa da sua existência é que a mulher também existe. Quando o enunciado “Eu não vim da sua costela” aparece, ele nega o discurso religioso já consagrado na sociedade cristã e ainda acrescenta “Você é que veio do meu útero”, demonstrando a superioridade e dominação da mulher em relação ao homem.

Outros slogans também fazem referência ao comportamento da sociedade em relação a homens e mulheres, afirmando que nossa sociedade ainda tenta ensinar as mulheres a serem respeitadas, em vez de ensinar os homens a respeitarem. Ambos os cartazes a seguir trazem a mesma ideia em relação à educação familiar, de que nem os homens podem ser violentos, nem as mulheres devem ser temerosas dessa violência.



Essa ideia coaduna com outro slogan também fortemente veiculado durante a Marcha, que questiona: “estamos ensinando nossas filhas a não serem estupradas, ao invés de ensinar nossos filhos a não estuprá-las?”. A afirmação, na forma de pergunta, usa uma estrutura retórica para afirmar e ao mesmo tempo questionar a afirmação, propondo assim que nossa atitude seja inversa, ou seja, que ensinemos os homens a respeitarem, e não as mulheres a seguirem um padrão daquilo que os homens acham que seja respeitoso, ou seja, desconstrói uma posição convencionalmente estabilizada para propor uma mudança de atitude.

Trata-se então do ponto de vista pecheutiano de pensar o discurso como uma materialidade igualmente constituída por uma estrutura e por um acontecimento e, ao mesmo tempo, reconhecer que a materialização dos discursos se dá não na estabilidade da veiculação de valores ideológicos, mas, principalmente, na instabilidade produzida pela tensão, pelo conflito, pelo contínuo atravessamento de/entre esses valores (BARONAS e AGUIAR, 2009).

[...] todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva passíveis, oferecendo lugar à interpretação (Pêcheux 1990, p. 53).

Por fim, a manifestação desconstrói a ideia de que abuso sexual tem a ver com sexo, por meio da negação no enunciado “Isso não é sobre sexo. É sobre violência”. A campanha feminista da Marcha das Vadias também traz essa ideia materializada pelo enunciado “Menos violência. Mais orgasmos!”, que reitera a ideia de que as mulheres também querem sexo e querem sentir orgasmos, mas não a custo de violência, demarcando as fronteiras entre esses dois conceitos.

É dessa forma que o movimento retoma uma questão antiga, porém sempre controversa, relativa à identidade feminina, ao papel da mulher na sociedade contemporânea, à imagem que ela transmite e/ou deveria transmitir.





Por meio do questionamento “o que é ser mulher hoje?”, a Marcha das vadias tenta instaurar uma mudança nas concepções pré-definidas de homens e mulheres acerca do papel e da posição das mulheres na sociedade. O slogan não indica resposta alguma, mas questiona, fazendo com que a população discuta a respeito e tenha suas próprias opiniões.

## O ACONTECIMENTO LINGÜÍSTICO

Guilhaumou (1997) propõe a noção de acontecimento linguístico a partir da definição de acontecimento discursivo

[...] destacando, na gramatização, os espaços intersubjetivos propícios à inovação linguística, e valorizando, no plano teórico, a consciência linguística dos sujeitos falantes em relação à própria língua, bem como o funcionamento dos instrumentos linguísticos em momentos históricos marcados pela mudança (GUILHAUMOU, 1997).

É difícil precisar a noção de acontecimento linguístico, sem vinculá-la aos conceitos de acontecimento histórico e discursivo, pois suas fronteiras não são muito bem delimitadas. Por isso a noção de acontecimento linguístico não é estabilizada entre linguistas e analistas do discurso, que veem no acontecimento uma relação entre o lugar enunciativo e a própria língua.

A partir dessas reflexões, observamos que a noção de acontecimento linguístico é definida pela sua reflexividade enunciativa, isto é, pela sua interpretação como acontecimento pelos sujeitos envolvidos na enunciação, e pela sua reflexividade metalinguística, através da qual a língua se constitui em objeto de uma enunciação política.

Apesar da dificuldade de delimitação do conceito de *acontecimento linguístico*, considera-se que ele não depende do fato em si, mas prioritariamente da forma como o fato é percebido pelos falantes, que enxergam na própria língua as possibilidades de inovação e mudança do signo. A própria noção de acontecimento já é relativa aos modos de interpretação, aos gestos de leitura, às possibilidades de construção e reconstrução da língua na instabilidade do que parece estável. O significado e os usos da palavra “vadia” são tomados aqui como exemplo de acontecimento linguístico e ao mesmo tempo o foco da discussão.

Dadas as atualizações dos enunciados, sempre novos e diferentes, considera-se iminente a ocorrência de um acontecimento linguístico. O conjunto de todas as séries discursivas, analisadas na seção anterior, fez emergir da própria língua e de seus usos um novo significado para a palavra “vadia”. Um vocábulo, que antes de 2011 era um termo pejorativo, indicando julgamento negativo para mulheres, está adquirindo hoje um novo significado. A partir do momento em que as mulheres se intitulam “vadias”, elas põem em cheque aquele antigo conceito.

Segundo a antropóloga Julia Zamboni, “ser chamada de vadia é uma condição machista. Os homens dizem que a gente é vadia quando dizemos ‘sim’ para eles e também quando dizemos ‘não’. A gente é vadia porque a gente é livre”. O conceito de “vadiagem” remete à desocupação, à ociosidade, e é associado, em dicionários de língua portuguesa, às noções de malandragem e vagabundagem. Até a Constituição e o Direito Penal definem como vadia a pessoa que leva uma vida ociosa e que não possui nenhuma ocupação nem renda, mesmo sendo perfeitamente válida para o trabalho.

Em qualquer das acepções, os conceitos de vadia e de vadiagem instauram um julgamento negativo, no mesmo sentido em que fora usado pelo policial Sanguinetti. Em contrapartida, no momento em que o termo é usado pelas mulheres para designar o nome do movimento Marcha das Vadias, ele se atualiza e produz um efeito de sentido diverso daquele para o qual foi produzido inicialmente.

O uso do nome “vadias” faz referência ao termo usado pelo policial para designar as mulheres e é, ao mesmo tempo, uma forma de protesto contra o conceito de “ser vadia”. As palavras de ordem da manifestação são “Se ser vadia é usar saia curta; se ser vadia é usar roupas coladas; se ser vadia é usar decotes e brincos grandes; se ser vadia é dançar funk; se ser vadia é ser livre; então somos todas vadias”. O conceito do termo se desloca do interior de uma formação discursiva machista para o interior de outra formação discursiva ligada ao feminismo, e muda o valor negativo do vocábulo para um julgamento positivo, com força de contestação.

A materialidade repetível do enunciado atualiza o significado do termo “vadia”, e esse novo enunciado – “Somos todas vadias”, “Eu sou vadia” – configura uma nova ordem social de autoafirmação, de defesa dos direitos das mulheres e de protesto contra o machismo.

A inovação no conceito do termo “vadia” já implica um acontecimento linguístico, o qual pode vir a se tornar futuramente uma mudança formal, inclusive com o acréscimo de novas acepções nos dicionários de língua portuguesa.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo discutiu os conceitos de acontecimento histórico, acontecimento discursivo e acontecimento linguístico, dentro dos princípios teóricos da Análise do Discurso de orientação francesa. A exposição dos conceitos foi feita com base em um fato que pode ser considerado ao mesmo tempo um acontecimento histórico e discursivo: a Marcha das vadias. Para esclarecer sobre o conceito de acontecimento linguístico, o presente artigo fez também uma previsão de uma possível inovação linguística orientada pelas séries discursivas que se desenrolaram com o decorrer dos acontecimentos.

---

FROM HISTORICAL EVENT TO DISCOURSE EVENT: AN ANALYSIS OF “SLUTWALK”

**Abstract:** This paper discusses the relation between the concepts of historical event, discursive event and linguistic event, in the constitution process of meanings of feminist identity, from practices of feminist movements and protests against sexual violence suffered by women. Based on a historical event

– the statement made by a police officer and strongly conveyed by the media that women are raped because they dress like sluts – is intended to outline the socio-historical path that led to the discursive event called Slutwalk. As a historical event can generate a discursive event, this, in turn, can also be decisive for occurring a linguistic event. The three notions of event are guided in the French orientated Theory of Discourse Analysis and are explored in this article, considering its relationship with the speech revising, the effects of meaning intended and produced by the speeches, the production and circulation of discourse and the constitution of female identity in this perspective

**Key words:** Discourse Analysis, Event, Slutwalk.

---

## REFERÊNCIAS

BARONAS, Roberto Leiser e AGUIAR, Gisele de Freitas. *BAKHTINIANA*. São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-182, 2º sem. 2009.

DELA-SILVA, Silmara Cristina. *O acontecimento discursivo da televisão no Brasil: a imprensa na constituição da TV como grande mídia*. Tese (Doutorado). IEL, Unicamp, Campinas, 2008.

DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

\_\_\_\_\_. *Em defesa da sociedade: curso no Collège de France*. Tradução de Maria Ermantina Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GALLO, Solange Leda. *Autoria: questão enunciativa ou discursiva?* Revista Linguagem em (Dis) curso, vol. 1, nº 2, jan/jun, 2001.

GUILHAUMOU, Jacques. Vers une histoire des événements linguistiques. Un nouveau protocole d'accord entre l'historien et le linguiste. In: *Histoire, épistémologie, Langage*, 18/II: 103-126. Paris: SHESL, PUV, 1997.

LACOUTURE, Jean. A história imediata. In: LE GOFF, Jacques. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

LE GOFF, Jacques. *História e Memória*. 4ª ed. Campinas: Unicamp, 1996.

\_\_\_\_\_. *A História Nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

MALDIDIER, Denise. *A inquietação do discurso: (re) ler Michel Pêcheux hoje*. Campinas: Pontes, 2003.

MORAES, Maria Lygia Quartim e SARTI, Cintia. *Aí a porca torce o rabo*. In: BRUSCHINI, Christina e ROSEMBERG, Fúlvia. *Vivência*. São Paulo: Fundação Carlos Chagas/Brasiliense, 1980.

ORLANDI, Eni. *Língua e conhecimento linguístico*. Para uma História das Ideias no Brasil. São Paulo: Cortez Editora, 2002.

PECHEUX, Michel. *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1990.

POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

SOUSA, Kátia Menezes de. INACIO, Elissandro Martins. *Os sentidos dos acontecimentos no jogo discursivo liderado pela mídia*. Disponível em < <http://www.discurso.ufrgs.br/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/KatiaMenezesDeSousa.pdf> > acesso em junho, 2012.

VEYNE, Paul. *Como se escreve a história; Foucault revoluciona a história*. Brasília, Ed. da Universidade de Brasília, 1998.

ZOPPI FONTANA, Mónica Graciela. *Acontecimento linguístico: o discurso político e a comemoração da língua*. IV SEAD 1969- 2009: Memória e história na/ da Análise do Discurso Porto Alegre, UFRS, novembro de 2009.

---

SOBRE A AUTORA

**Amanda Pontes Rassi** – Doutoranda em Letras pela Universidade Federal de São Carlos.

---

Recebido para publicação em 30/07/12

Aceito para publicação em 05/08/12